

Multilinguismo, políticas linguísticas e ensino de língua russa na URSS e na Rússia / *Multilingualism, Language Policies and Russian Language Teaching in the USSR and Russia*

Maria Glushkova*

Ekaterina Vólkova Américo**

RESUMO

O artigo propõe um breve panorama das políticas linguísticas adotadas pela URSS e pela Rússia, com especial foco no período do Degelo. A partir de uma perspectiva pós/decolonial, explora os caminhos e transformações dessas políticas em contextos multilíngues, tanto internos quanto externos. Entre os aspectos abordados estão o ensino da língua russa para estrangeiros, a circulação internacional de livros e periódicos como mecanismo de projeção ideológica e os processos de tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Multilinguismo; Políticas linguísticas; Ensino de língua russa; Tradução; URSS; Rússia

ABSTRACT

The article offers a brief overview of the language policies adopted by the USSR and Russia, with a particular focus on the Thaw period. From a post/decolonial perspective, it explores the trajectories and transformations of these policies in multilingual contexts, both domestic and international. Among the aspects discussed are the teaching of Russian to foreigners, the international circulation of books and periodicals as a mechanism of ideological projection, and the processes of translation.

KEYWORDS: Multilingualism; Language Policies; Russian Language Teaching; Translation; USSR; Russia

* Queen Mary University of London, Centre for Eurasian, Russian, and East European Studies, Londres, Reino Unido; Universidade de São Paulo, Grupo de Pesquisa Diálogo, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-1922-4448>; m.glushkova@qmul.ac.uk

** Universidade Federal Fluminense – UFF, Instituto de Letras, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-5847-2444>; ekaterinamerico@gmail.com

Introdução¹

A língua russa é o idioma oficial da Rússia e uma das mais faladas do mundo. Cerca de 255 milhões de pessoas dominam o russo, sendo 148 milhões falantes nativos — o que o torna o nono idioma mais falado e o sétimo com mais falantes nativos no mundo. Considerando apenas os nativos, é o idioma mais falado na Europa e o mais difundido entre os idiomas eslavos. Seu uso é predominante em países pós-soviéticos, como Cazaquistão, Geórgia e Uzbequistão, devido a laços históricos. O russo é o sexto idioma mais utilizado na internet, representando 3,9% do conteúdo online². Tornou-se língua oficial das Nações Unidas em 1946, idioma de trabalho da Assembleia Geral em 1968 e do Conselho de Segurança em 1969. Além disso, é reconhecido como segunda língua oficial na Belarus, Cazaquistão e Quirguistão (Artigo 17 da Constituição da República de Belarus; Artigo 7 da Constituição da República do Cazaquistão; Artigo 10 da Constituição da República do Quirguistão). Existem comunidades que falam russo fora da Rússia, inclusive no Brasil (Smirnova Henriques, Ruseishvili, 2020; Américo, 2020).

A língua russa também é estudada e promovida internacionalmente como língua estrangeira. Apesar de sua complexidade gramatical e variações no interesse político ao longo do tempo, as principais universidades do mundo contam com departamentos de russística e/ou eslavística. No Brasil, há cursos de graduação em russo na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de disciplinas optativas de língua e literatura russa oferecidas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal Fluminense (UFF).

Neste artigo, propomos descrever algumas das políticas linguísticas adotadas pela URSS e pela Rússia, com ênfase no período do Degelo. A partir de uma perspectiva pós/decolonial, buscamos apresentar suas direções e mudanças no contexto multilíngue, tanto

¹ O presente artigo resulta da palestra *O ensino de russo no Brasil e na Rússia: perspectivas pedagógicas e políticas linguísticas*, apresentada remotamente em 22 de agosto de 2024 como parte da 23ª Roda de conversa - Políticas linguísticas educacionais, atividade vinculada ao projeto “Oralidades, multilinguismos e letramentos políticos: diálogos com a educação” (CNPq). A palestra foi organizada e mediada pelas Professoras Cristine Gorski Severo e Maria Luiza Rosa Barbosa do Grupo Políticas (UFSC), às quais agradecemos pelo convite e pela sugestão do tema, tão complexo e rico.

² <https://www.statista.com/statistics/262946/most-common-languages-on-the-internet/>.

dentro, quanto fora do país. Diante da complexidade do tema, de sua vasta abrangência histórica e da escassez de estudos dedicados a ele no contexto brasileiro, propomos um breve panorama de caráter introdutório, delineado a partir de nossas trajetórias pessoais como professoras e pesquisadoras. Entre as políticas linguísticas abordadas estão o ensino da língua russa, o envio de livros e periódicos para o exterior e as iniciativas de tradução.

1 Língua russa no contexto multilíngue

A URSS se posicionou como um país multinacional e multilíngue, mas na prática as línguas não tinham o mesmo status (Kamóvnikova, 2017). Embora cada uma das repúblicas soviéticas tivesse sua língua nacional, a língua russa passou a desempenhar o papel de idioma oficial e unificador. A centralidade atribuída à cultura e à língua russas nas políticas da URSS levou à supressão sistemática de outras manifestações culturais e linguísticas, evidenciando o desequilíbrio entre o discurso oficial de multiculturalismo e a prática estatal. Em 1965, 75% dos livros publicados na URSS eram em língua russa; em 1980, esse número subiu para 78% (Kamóvnikova, 2017). Ao mesmo tempo, o russo atuava como língua franca, permitindo a comunicação entre pessoas de diferentes países e nacionalidades, bem como a troca de informações diversas — como as literaturas traduzidas (Kamóvnikova, 2017).

Com a dissolução da União Soviética, em 1991, a língua russa tornou-se um motivo constante dos conflitos entre a Rússia e as ex-repúblicas. Atualmente, as gerações mais jovens desses países tendem a estudar menos o idioma russo, optando pelas línguas nacionais e pelo inglês.

Apesar de ser a língua oficial da Rússia, o russo não é o único idioma falado no país. Estima-se que existam cerca de 300 línguas. Como observa o fundador da eslavística brasileira, Boris Schnaiderman (1997, p. 249)³, “a cultura russa não pode ser pensada sem a marca forte de um verdadeiro mosaico dos povos”. Entre os idiomas mais falados estão o ucraniano, o tártaro, o tchetcheno, o basquir e o chuvache. Algumas línguas estão em perigo

³ Em 2007, Boris Schnaiderman foi agraciado com a Medalha Púchkin, concedida pelo governo russo em reconhecimento a sua contribuição para a divulgação da cultura russa no exterior (Cardoso, 2021).

de extinção, com menos de 100 falantes. É o caso do idioma dos aleutas — povo indígena da Península do Alasca e das Ilhas Aleutas, também falado nas Ilhas Commander (Ilha Bering) — e do itelmen ocidental, idioma de um grupo étnico indígena da Península de Kamchatka. Os idiomas dos chamados povos originários e/ou minoritários costumam restringir-se ao uso doméstico, fora dos ambientes oficiais e escolares, sendo utilizados sobretudo em contextos informais e tradicionais. As ambiguidades do processo de inclusão da diversidade cultural e linguística sob a bandeira soviética eram discutidas em paralelo à criação da URSS. No curta de animação *Samoiédski Máltchik* [*O Menino Samoiedo*], de 1928, é narrada a história de Tchu, um menino inuíte que, ao desmascarar os supostos poderes mágicos do xamã local, é resgatado por um navio soviético e passa a estudar em Leningrado. Por um lado, a narrativa celebra a diversidade étnica do território soviético, dando visibilidade a personagens de origem indígena e periférica. Por outro, como destaca Pontieri (2012), essa diversidade é assimilada pelas instituições estatais, revelando o caráter ambivalente da mensagem: a pluralidade é reconhecida, mas também disciplinada.

Um processo semelhante pode ser observado em diversos países, inclusive no Brasil (Ikpeng, 2023; Prumkwyj Krahô, 2023; Tupinambá, 2023). De acordo com o relatório da Organização das Nações Unidas⁴, existem mais de 8.000 idiomas falados no mundo, porém apenas cerca de 350 são utilizados em contextos escolares. Para milhões de crianças, a educação ocorre em um idioma que elas dominam pouco, o que compromete o processo de aprendizagem, de expressão e de desenvolvimento do seu potencial.

A ameaça de extinção de diversas línguas na Rússia resulta de um longo processo de expansão territorial e colonização cultural, que atravessa a história do Império Russo, da União Soviética e da Rússia contemporânea. Segundo relatório da UNESCO, entre os fatores mais recentes que contribuem para esse cenário estão a globalização e as mudanças climáticas. Além disso, o sistema educacional na Rússia e na União Soviética era e continua disponível majoritariamente em russo.

⁴ <https://www.un.org/en/observances/mother-language-day>.

Em 2024, foi publicado o livro *Buluus da irer* [*E o gelo derrete*], da escritora Ksênia Bolchakóva, representante do povo dolgan, originário da península de Taimyr, na parte asiática da Rússia:

O Extremo Norte é um conceito flexível. Inclui as areias do deserto na fronteira com a Mongólia e a minha terra natal, Taimyr, um deserto nevado banhado pelo Oceano Ártico. É o próprio Ártico, uma zona de *permafrost*. As autoridades imperiais, soviéticas e da Rússia atual sempre trataram o Norte como um poço inesgotável [...] Antes da revolução, os dolgans chamavam o tsar russo de ‘aquele que está sentado longe’. Nossos ancestrais pagavam *yassak* ao tsar com ouro macio - as peles de caça. Agora pagamos impostos, e todo o ouro — branco, amarelo, vermelho, preto — é sugado das nossas terras sem permissão (Bolchakóva, 2024, p. 9; 177)⁵.

Junto à história de sua família, a escritora retrata a trajetória do povo dolgan, cuja existência nômade, sustentada, por gerações, pela criação de renas, a caça e a pesca. Atualmente, além da exploração de suas terras, os dolgans sofrem com os efeitos do preconceito racial, cultural e linguístico. Durante o período soviético, as crianças dolgans foram obrigadas a aprender o idioma russo, o que resultou em seu afastamento da língua e da cultura nativas:

Aliocha ficou diferente. Mamãe diz que ele só está se tornando adulto. Mas eu tenho medo de que ele esteja se tornando russo. Os professores do internato o repreendem por falar dolgan na frente dos outros - dizem que é falta de educação. Seus colegas zombam dele dizendo que quando ele fala dolgan, parece uma fera rugindo (Bolchakóva, 2024, p. 109).⁶

⁵ Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “Kraini Sever — poniatie rastiajimoe. K nemu odnosiasia i pustynnye peski na granitse s Mongoliei, i moi rodnoi Taimyr, snejnaia pustynia, omyvaemaia Severno-Ledovitym okeanom. Samaia tchto ni na est Arktika, zona vetchnoi merzloty. Imperskie, sovetskie i nyechnie rossiiskie vlasti vseгда otosilis k Severu kak k neissiakaemoi skvajine. [...] Do revoliutsii dolgany nazывali russkogo tsaria “tot, kto sidit daleko”. Nachi predki platili iasak tsariu miagkim zolotom, puchninoi. Teper my platim nalogi, a vse zoloto — beloe, jeltoe, krasnoe, tchernoe vysasyvaiut iz nachikh zemel bez sprosú”.

⁶ Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “Aliócha stal drugim. Mama govorít, on prosto stanovítsia vzróslym. A ia boiús, chto on tam stanovítsia rússkim. Utchitelia v internáte rugáíut ego, tchto neprilítchno pri drugíkh razgovárvat na dolgánskom. Odnoklássniki smeiútsia, tchto po-dolgánski on ne govorít, a rytchít kak zver”.

A colonização, a russificação⁷ e as mudanças climáticas — evocadas já no título do livro — contribuíram para o abandono do modo de vida nômade e o distanciamento das tradições do povo dolgan:

Taimyr é de fato uma jazida imensa de petróleo, gás, platina, ouro, prata, níquel. Mas não há nada infinito e eterno. O aquecimento global derrete rapidamente o *permafrost*. As empresas de mineração exaurem até o limite as entranhas da nossa terra. E os povos indígenas definham afastados do modo de vida tradicional, soterrados pela assimilação e abandonados na fenda civilizacional sem acesso a recursos básicos (Bolchakóva, 2024, p. 9)⁸.

O livro é bilíngue: em dolgan e em russo. A proposta é provar que é possível criar obras literárias em língua dolgan. Além disso, a autora espera que a leitura bilíngue ajude o povo dolgan a lembrar e reaprender a sua língua. Assim, a escritora lança mão do russo — língua historicamente dominante — como ferramenta de resistência e recuperação da língua materna.

A história do povo dolgan é parte de uma história maior da colonização russa da Sibéria ao longo dos séculos⁹. Processos semelhantes ocorreram por meio da russificação de diversos povos e culturas que compuseram o Império Russo, a União Soviética e a Rússia contemporânea. Um dos desdobramentos mais trágicos disso é a recorrência de conflitos armados e guerras. No século XIX, a colonização do Cáucaso — refletida nas obras de autores como Aleksandr Púchkin, Mikhail Lérmontov e Liev Tolstói — também se deu mediante a dominação violenta das populações locais. No século XX, sob o governo de Stalin, povos inteiros foram deportados à força para outras regiões (Schnaiderman, 1997, p.

⁷ Termos empregados pela autora.

⁸ Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “Taimyr — eto deístvitelno bestchislennye zaleíí nefti, gáza, platíny, zolota, serebrá, níkelya. No net nitchegó beskonetchnogo i vétchnogo. Globalnoe potepólnie stremítelno podtáplivaet vétchnuyu merzlotu. Dobývaiuschie kompánii vkonéts istchéryvaiut náchi nedry. A korennýe naródy ugasáit otrechénnyye ot traditsiónnogo óbrazá jízni, pogriázchie v assimiliátsii i ostávlennye na tsivilizatsiónnom razlóme bez snabjénia”.

⁹ O projeto decolonial *Asians of Rússia* (<https://asiansofrussia.com/>) publica diariamente denúncias de discriminação, preconceito racial e exploração desenfreada dos recursos naturais, mas também traz informações sobre a riqueza cultural e linguística da parte asiática da Rússia.

249). Mais recentemente, em 2022, a defesa dos direitos dos russos e falantes do idioma russo residentes na Ucrânia foi uma das justificativas da invasão militar da Rússia ao país¹⁰.

2 Ensino de língua russa e políticas linguísticas

Tanto na antiga União Soviética, quanto na Rússia atual, a educação foi e continua sendo parte da política interna e externa. Os programas e os manuais de ensino escolar eram preparados e padronizados de acordo com a ideologia estatal (Kisselióva, 2017, p. 267; Vesselko, 2017, p. 312). Eram distribuídos por todo o país com o objetivo de transmitir a ideologia e os valores oficiais. Com a formação da União Soviética, esse processo passa a ser chamado de sovietação. Por exemplo, quando a Estônia foi anexada à URSS, em 1940, e principalmente depois da 2ª. Guerra Mundial, os manuais soviéticos começaram a ser traduzidos do russo para o estoniano (Guzaírov, 2017, p. 293). Antes de sua publicação, os manuais traduzidos passavam por uma rigorosa revisão ideológica, com o objetivo de alinhar o conteúdo da tradução ao texto original em russo (Pild, 2017, p. 301). Ademais, o Ministério da Educação obrigava os professores a assinarem os periódicos sobre educação. Assim, eles acompanhavam as diretrizes oficiais da política educacional que depois eram reproduzidas em salas de aula (Vesselko, 2017, p. 312).

O ensino de língua russa, tanto para os falantes nativos, quanto para os estrangeiros, faz parte dessa política. Nos países do bloco soviético o ensino de língua russa nas escolas e universidades era obrigatório, mas essa situação mudou com o colapso da URSS. Esse processo é refletido no filme *Queridas amigas* (1991), de István Szabó, que retrata a Hungria após a dissolução do bloco soviético. Já nos primeiros minutos do filme assistimos à queima dos manuais de língua russa na fogueira. As professoras de russo, protagonistas do longa, passam por um processo de reeducação para lecionarem o inglês. Nas ex-repúblicas soviéticas o sistema de educação também mudou: na maioria delas, passou-se do predomínio da língua russa primeiro ao bilinguismo e depois às línguas nacionais.

¹⁰ Discurso de Vladímir Pútín de 24 de fevereiro de 2022.

Na Rússia atual, o ensino de russo como língua estrangeira é conduzido por departamentos específicos em diversas universidades, destacando-se como centros de referência as Universidades Estatais de Moscou e São Petersburgo, além do Instituto Púchkin de Língua Russa, também em Moscou. De modo geral, os cursos são organizados em programas distintos — voltados para filólogos e não filólogos — e empregam metodologias adequadas aos perfis linguísticos dos estudantes, o que é especialmente relevante nas etapas iniciais da aprendizagem. Por exemplo, a fonética e o alfabeto da língua russa tendem a ser mais acessíveis para falantes de alguns idiomas, como o português, porém podem ser mais desafiadores para falantes de outras línguas.

O auge e a consolidação da metodologia de ensino do russo como língua estrangeira ocorreram no começo da década de 1950, coincidindo com o início da Guerra Fria. Os livros didáticos soviéticos, em geral, e os manuais de russo como língua estrangeira, em particular, transmitiam os valores da sociedade soviética, funcionando não apenas como instrumentos pedagógicos, mas também como veículos ideológicos. Por exemplo, no livro *Textos sobre etnografia linguística*, parte da série de materiais didáticos *Rússki iazyk dlia vsekh* [O russo para todos], distribuída pela URSS, há textos informativos sobre o sistema social e estatal soviético, sua história, população, educação, ciência, literatura, arte e esporte (Kostomárov, 1983).

Ademais, os livros didáticos e os programas de ensino oferecem um panorama revelador sobre os países de origem dos estudantes que se dirigiam à URSS e à Rússia, bem como sobre os idiomas que falavam. Grande parcela dos estudantes que vinham para a URSS estava, de alguma forma, vinculada ao Partido Comunista. Até as décadas de 1980 e 1990, os alunos provinham majoritariamente dos países do bloco soviético, e os materiais eram adaptados a essa realidade linguística e cultural. Em alguns casos, tratava-se de refugiados das ditaduras militares da América Latina, de Portugal e da Espanha. A partir dos anos 1990, com as mudanças políticas e geopolíticas que se seguiram ao colapso da URSS, os programas foram radicalmente reformulados: os manuais passaram a ser direcionados para falantes de inglês, francês e outras línguas europeias. Por várias décadas, o ensino da língua russa foi reorientado para atender sobretudo estudantes da Europa Ocidental e dos Estados Unidos.

Como observamos, o ensino não se limitava exclusivamente ao estudo do idioma; nas universidades, eram constantemente oferecidos a estudantes estrangeiros seminários e palestras especiais sobre a história e a cultura do país. No site da Universidade Estatal de Moscou (MSU)¹¹, encontramos a descrição de um desses programas: “Iz istórii rússkoi khudójestvennoi kultury” [“Da história da cultura artística russa”], publicado em 2000 e organizado por L. N. Kachejeva. O tema desse programa é a cultura artística como uma área especial da vida espiritual da sociedade, que absorveu sinteticamente vários tipos de arte: literatura, arquitetura, pintura, escultura, música, teatro, cinema, etc. A cultura artística russa é apresentada no programa como um todo espiritual coeso e não como manifestações isoladas. O objetivo do programa é revelar o significado de fatos e eventos da cultura artística e mostrar sua conexão com o idioma russo. Segundo os autores do artigo: “antes de tudo, os filólogos-russistas são guias da cultura russa no espaço cultural mundial. São professores de russo que, em suas aulas, ao ensinar o idioma, constroem a imagem conceitual do mundo dos russos introduzindo-a no contexto das outras culturas”¹².

Os programas de ensino de russo como língua estrangeira sempre foram guiados por objetivos específicos. Segundo Lídia Krassílnikova, “os graduados da Faculdade de Filologia devem se tornar nossos colegas — professores de língua e literatura russas, pesquisadores da língua russa”¹³. Atuando em seus países de origem, esses profissionais “moldarão a imagem que seus alunos terão da Rússia, transmitindo a eles o conhecimento da história e da cultura russas” (Krassílnikova, 2024, p. 191)¹⁴. Essa concepção dialoga diretamente com as ideias de Wilhelm von Humboldt, considerado na Rússia o fundador da linguística como ciência. Para Humboldt, a língua uniformiza a subjetividade da experiência e alinha o entendimento do indivíduo ao do coletivo. A identidade do indivíduo é, nesse sentido, determinada, em

¹¹ <https://rkiff.philol.msu.ru/%D0%B8%D1%81%D1%82%D0%BE%D1%80%D0%B8%D1%8F-%D0%BA%D0%B0%D1%84%D0%B5%D0%B4%D1%80%D1%8B-2/>.

¹² Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “tak kak prejde vsego filologi-rusisty iavliaiutsia provodnikami russkoi kultury v mirovom kulturnom prostranstve. Imenno prepodavateli-rusisty, obutchaya iazyku, na svoikh urokakh konstruiuiut kontseptualnuiu kartinu mira russkogo tcheloveka, vvodia ee v kontekst drugikh kultur”.

¹³ Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “Vypuskniki filologicheskogo fakulteta doljny stat nachimi kollegami — prepodavateliami russkogo iazyka i literatury, issledovateliami russkogo iazyka”.

¹⁴ Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “Budut formirovat u svoikh utchennikov obraz Rossii, peredavaia im znanie o russkoi istorii i kulture”.

certo grau, pelas identidades da família, comunidade e nação. As visões do mundo humboldtianas são simbolizações coletivas, que constituem uma identidade cultural essencialmente linguístico-conceitual (Glushkova; Domingues, 2022, p. 12). A formação da memória coletiva, que também faz parte desse processo, segundo essa teoria, pode incluir a disseminação da literatura educacional, científica e artística, bem como as traduções.

Atualmente, a difusão da língua e literatura russa é promovida pela Associação Internacional dos Professores de Língua e Literatura Russa (MAPRYAL)¹⁵, criada em 1967 e responsável pela organização dos simpósios, congressos, exposições e outros eventos.

3 Tradução e políticas linguísticas

A política cultural soviética almejava transferir o cânone cultural e literário russo para outras culturas, sobretudo aquelas que faziam parte da URSS e do bloco soviético. Assim buscava-se formar o homem soviético médio, nivelado, sem distinções nacionais (Stepaníscheva, 2017, p. 199). A unificação se dava mediante a formação de uma memória cultural comum. Como parte dessa política, o país mantinha periódicos e emissoras de rádio que transmitiam notícias políticas e culturais do bloco soviético em vários idiomas, como, por exemplo, a revista *Problémy mira i sotsializma* [*Problemas do mundo e do socialismo*]. Sediada em Praga entre 1958-1990, a revista era publicada em mais de 20 idiomas com tiragens de 500 mil exemplares. Entre outras medidas, a URSS realizava o envio dos livros, periódicos e manuais, inclusive de língua russa para estrangeiros, para suas repúblicas e outros países. No caso do Brasil, como testemunha Boris Schnaiderman, a instauração da ditadura militar dificultou o intercâmbio cultural e editorial entre os países:

Em fins da década de 60 e boa parte de 70, o recebimento de livros da União Soviética estava sujeito a percalços sem conta. Por isto mesmo, as notícias dos fatos literários geralmente nos chegavam depois que eles repercutiam no Ocidente e, muitas vezes, um autor soviético só podia ser lido em tradução ocidental. Foi por isso que tomei conhecimento de *Problemas da*

¹⁵ Site da Associação: <https://ru.mapryal.org/>.

poética de Dostoiévski de Bakhtin através de uma tradução italiana (Schnaiderman, 1983, pp. 8-9).

Apesar do distanciamento diplomático (Cardoso, 2021), da censura e da escassez de tradutores profissionais, no Brasil foram publicadas traduções não só de obras literárias, mas também de crítica e teoria literária. Em 1981, é publicada a primeira tradução direta da obra de Mikhail Bakhtin: trata-se do livro *Problemas da poética de Dostoiévski*, vertido para o português por Paulo Bezerra. O livro foi tão procurado por leitores interessados na obra de Dostoiévski e por estudiosos da herança teórica de Bakhtin e do Círculo que já passou por diversas reedições (Brait, 2021, p. 73). A sua publicação impulsionou, em especial a partir dos anos 2000, as traduções diretas da obra de Fiódor Dostoiévski e de outros autores, inclusive contemporâneos.

A URSS herdou do século XIX a convicção de que a literatura é capaz de transformar o mundo. Por essa razão, as traduções das obras da literatura russa e soviética para outras línguas e das literaturas estrangeiras para o russo faziam parte das políticas linguísticas soviéticas. Em 1919, ainda antes da criação da União Soviética, Maxim Górkí fundou a editora *Vsemírnaia Literatura* (Literatura Mundial), com o objetivo de traduzir para o russo os clássicos da literatura universal. O projeto exigiu a mobilização de muitos tradutores, e a atividade de tradução passou a ser reconhecida como uma ocupação profissional.

Eram traduzidas não só as obras de outros países, mas também das repúblicas soviéticas. Para que um autor obtivesse reconhecimento na URSS, sua obra precisava estar escrita em russo ou ser traduzida para o idioma (Kamovnikova, 2017). Graças a essas traduções, os leitores soviéticos puderam apreciar, por exemplo, as obras de Chota Rustaveli (Georgia), Tchinguiz Aitmátov (Quirguízia), Rassul Gamzátov (representante dos ávaros de Daguestão), Vilis Lācis (Letônia) e de muitos outros autores. Em alguns casos, os tradutores não dominavam as línguas dos textos-fonte e traduziam a partir de uma tradução literal (*podstrótnchni perevod*) para o russo, feita pelos falantes nativos ou pelo próprio autor (Kamóvnikova, 2017).

O fenômeno e o conceito da Escola soviética de tradução inclui prática, teoria e crítica da tradução (Witt, 2017). O realismo socialista adotado, a partir de 1934, como orientação

oficial de toda a produção cultural soviética, nortearia também as traduções, como foi anunciado na 1ª Conferência dos Tradutores da URSS, em 1936 (Witt, 2017). Uma das questões centrais debatidas naquele contexto dizia respeito ao grau de fidelidade exigido nas traduções. Nos casos em que o autor representava valores capitalistas, defendia-se a ideia de traduzir “sem ser seu escravo” — uma postura que, além de refletir alinhamento político, permitia ampla liberdade frente ao texto-fonte, incluindo adaptações, omissões e reescritas significativas (Witt, 2017). Outra questão dizia respeito à seleção dos autores e textos. Nesse sentido, Susanna Witt cita o tradutor e teórico da tradução Ivan Káchkin:

Não devemos e não queremos poluir a consciência do leitor soviético com traduções de Sartre ou Henry Miller, Faulkner ou André Gide, cujos escritos asquerosos foram devidamente analisados e avaliados em vários artigos. A tradução, na melhor das suas possibilidades, também deve intervir ativamente, refletir corretamente a realidade e de fato ajudar o leitor a entender a realidade. O verdadeiro crescimento da arte de tradução exige uma seleção consciente e mais rigorosa dos livros (Káchkin *apud* Witt, 2017, p. 45)¹⁶.

Para muitos soviéticos que não podiam viajar para fora dos limites do país, ler literaturas traduzidas era um meio de conhecer o mundo. Por outro lado, para alguns tradutores a tradução foi um subterfúgio para driblar a cortina de ferro trazendo para o contexto soviético autores e temas proibidos, ou seja, se afastar da política soviética oficial (Stepaníscheva, 2017, p. 200). Em muitos casos, a tradução era usada como uma estratégia para ampliar os horizontes do público leitor para além dos limites estabelecidos pelo poder soviético oficial (Lange, 2017, p. 156). Às vezes, a encomenda oficial pelas traduções se tornava um pretexto para criar um enunciado individual e autoral (Stepaníscheva, 2019, p. 219).¹⁷

¹⁶ Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “My ne doljny i ne khotim zasoriat soznanie sovetskogo tchitatelia perevodami Sartra ili Genri Millera, Folknera ili Andre Jida, otvratitelnye pisanija kotorykh soverchenno dostatochno byli osvescheny doljnym obrazom i otseneny v riade statei. Perevod, v meru svoikh vozmojnostei, toje doljen aktivno vmeshivatsia, pravilno otrajet proiskhodiashee i deistvenno pomogat tchitateliu v ponimanii proiskhodiaschego. Nastoiashchi rost perevodnogo dela predpolagaet soznatelnyi i bolee strogi otbor knig”.

¹⁷ Um dos casos mais impressionantes é o do poeta francês do século XVI Guillaume du Vintrais, inventado por dois presos políticos, Iúri Veinert e Iákov Kharon. Nos poemas, escritos entre os anos 1930-1940, aparecem

A partir dos anos 1950, como parte da política soviética relacionada ao início da Guerra Fria, foram traduzidas muitas obras e com tiragens impressionantes¹⁸. As literaturas africanas, asiáticas e latino-americanas estavam entre as prediletas, o que, em grande parte, deveu-se à campanha de perseguição de tudo o que é “ocidental” e “imperialista”. Nesse contexto, as traduções da maioria dos escritores europeus e norte-americanos para o russo foram reduzidas ao mínimo. Já as literaturas africanas das décadas de 1940-1950, inspiradas na luta anticolonial, atraíram as autoridades e os leitores soviéticos (Balezin et al, 2016). Cansados dos clichês propagados pelo realismo socialista, os leitores soviéticos buscavam com avidez narrativas alternativas (Cardoso, 2021). Depois de 1960, ano da África, o crescente interesse pelas culturas africanas estimulou ainda mais as traduções. Além das obras literárias, eram publicados livros, artigos e ensaios críticos sobre as culturas e literaturas africanas (Balezin et al, 2016). O processo também se estendeu às literaturas latino-americanas e asiáticas.

O papel de destaque foi desempenhado pela revista *Inostránniaia Literatura* (Literatura Estrangeira), principal divulgadora soviética das literaturas traduzidas. Primeiro, as traduções eram publicadas nos números da revista e depois saíam em forma de livros. Eram traduções profissionais com tiragens impressionantes de 50 a 100 mil exemplares. As edições contavam com revisão profissional, além de paratextos como ensaios introdutórios, notas de rodapé, comentários editoriais e ilustrações. Na maioria dos casos, a escolha das obras a serem traduzidas era determinada pela orientação política (Beliakova, 2005; Balezin et al, 2016). A decisão sobre a tradução resultava de uma seleção ideológica prévia realizada pelo partido através da Comissão Estrangeira da União dos Escritores (Darmaros, 2018). Os paratextos cuidadosamente preparados eram necessários para apresentar aos leitores soviéticos o contexto histórico-cultural dos países de origem (Krassílnikova, 2012). Por exemplo, no prefácio da tradução soviética do romance *Things Fall Apart* (*O mundo se*

imagens bastante reveladoras do rei-açougueiro e do amor pela liberdade como um pecado (Kharon, Veinert, 1989).

¹⁸ Como resultado da política de erradicação do analfabetismo promovida pela URSS, na década de 1950, cerca de 98% da população adulta encontrava-se alfabetizada, o que levou à formação de um público leitor expressivo. Somava-se a isso o baixo custo dos livros (Cardoso, 2021).

despedaça, 1958), do escritor nigeriano Chinua Achebe, Vladímir Vavílov inscreve o romance no contexto da luta dos povos africanos contra o colonialismo:

No momento em que os povos africanos lutam pela liberdade, um romance sobre o passado da África é extremamente relevante. Ao incutir no leitor uma visão verdadeira do passado da África, o romance *O mundo se despedaça*, nas palavras da poeta ganêsa Sutherland, “cura um povo envenenado pelo veneno do colonialismo” (Vavílov *apud* Achebe, 1964, p. 227)¹⁹.

A empatia da população soviética e do governo com os países africanos, asiáticos e latino-americanos que lutavam pela independência impulsionou as traduções. Alejo Carpentier, César Vallejo, Mario Vargas Llosa, Gabriela Mistral, Pablo Neruda, Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, Júlio Cortázar, e, é claro, Jorge Amado, são apenas alguns dos autores latino-americanos traduzidos na União Soviética.

Jorge Amado foi o escritor brasileiro mais lido na URSS. Em 1951, ele foi condecorado com o Prêmio Internacional de Stalin e, em 1954, participou do II Congresso dos Escritores Soviéticos (Beliakova, 2005; Darmaros, 2018). A sua atuação na divulgação da literatura brasileira marcou o auge das traduções soviéticas: entre 1957 e 1969, foram publicados quarenta livros, segundo levantamento de Elena Beliakova (2005). Entre os autores traduzidos estão José Lins do Rego (1937; 1960; 1967), Alina Paim (1957), Graciliano Ramos (1961, 1969, 1977), Machado de Assis (1961; 1968; 1989), Lima Barreto (1965), Érico Veríssimo (1969) e Guimarães Rosa (1980), além das coletâneas *Antologia da literatura portuguesa e brasileira* (Vassílieva-Chvede; Gakh²⁰, 1964); *Sob o céu do Cruzeiro do Sul: novela brasileira dos séculos XIX e XX* (Gakh; Gólubeva, 1968) e dos estudos críticos, como o livro *O romance brasileiro do século XX* da latino-americanista soviética

¹⁹ Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “V period osvoboditelnoi borby afrikanskikh narodov roman o prochlom Afriki neobychno aktualen. Privivaia tchitateliu vernyi vzgliad na prochloe Afriki, roman “I prichlo razrushenie...”, govoria slovami ganskoi poetessy Sutherland, «letchit narod, otravlennyi iadom kolonializma»”.

²⁰ Anatóli Gakh (1937) nasceu no Brasil, no Rio Grande do Sul, e por motivos políticos emigrou para a Polônia e depois para a URSS. Foi o primeiro professor nativo de língua portuguesa da URSS. Em 1961, junto com Olga Vassílieva-Chvede e Elena Gólubeva, tornou-se um dos organizadores do Departamento de Língua Portuguesa na Faculdade de Filologia da Universidade Estatal de Leningrado.

Inna Terterian (1965)²¹. A partir dos anos 1980, começam a ser traduzidos os autores cujas opiniões destoavam da ideologia oficial, como é o caso de Jorge Luis Borges (Krassílnikova, 2012). Mais recentemente, saíram várias traduções de Clarice Lispector (2000a, 2000b, 2022). Ao que parece, à parte do sucesso mundial de Paulo Coelho e da popularidade já consagrada de Jorge Amado, hoje Lispector é a escritora brasileira mais traduzida para a língua russa.

Graças às traduções, a partir dos anos 1950, os leitores soviéticos tiveram uma oportunidade única de conhecer as literaturas e culturas dos mais diversos países. Nos anos 1990, a quantidade de tiragens e traduções diminuiu. Em parte, isso ocorreu porque as traduções passaram a ser encomendadas pelas editoras particulares e não estatais, como foi na URSS. No século XXI, os editores preferem publicar só o texto traduzido sem os paratextos. Tal medida diminui o custo e prazo da preparação e publicação (Krassílnikova, 2012). Ao contrário da época soviética, em que a escolha das obras a serem traduzidas era condicionada pela orientação política, hoje predominam os fatores comerciais. Além do mais, ao que parece, a literatura perdeu o lugar central na hierarquia cultural russa. Porém, embora em uma escala menor, a tradução continua a fazer parte das políticas linguísticas da Federação Russa. Em 2011, foi criado o Instituto da Tradução²², uma organização não comercial cujo objetivo é promover a literatura russa no mundo apoiando os tradutores e as editoras que a publicam. O Instituto organiza ainda congressos e conferências internacionais sobre a tradução, escolas para jovens tradutores, bem como premiações.

4 Amizade dos povos

O período de Degelo contribuiu para o aprofundamento dos estudos das culturas e línguas estrangeiras. Em 1956, junto à Universidade Estatal de Moscou, foi criado o Instituto das línguas orientais, que depois passou a ser chamado de Instituto dos Países da Ásia e da

²¹ A lista completa das obras da literatura brasileira publicadas na URSS pode ser encontrada no livro de Elena Beliakova (2005).

²² Site do Instituto: <https://institutperevoda.ru/>.

África. Em 1961, começou a funcionar, no âmbito da Academia das Ciências, o Instituto da América Latina.

Quanto ao ensino de russo como língua estrangeira, em 1960, foi fundada a Universidade pela Amizade dos Povos, criada para apoiar os países que conquistaram sua liberdade na luta anticolonial e para receber principalmente os estudantes da Ásia, África e América Latina. De modo geral, a concepção de amizade dos povos era muito popular na União Soviética. De acordo com Koniáeva (2015, p. 190), após a Revolução de Outubro 1917, a política nacional do novo Estado mudou drasticamente, o que levou ao surgimento de um conceito ideológico como o de amizade dos povos. A amizade dos povos passou a servir como base para as novas relações entre os povos da URSS e pressupunha “cooperação fraterna abrangente e ajuda mútua entre nações e nacionalidades”²³ (*Dicionário enciclopédico filosófico*, 1983). Ao mesmo tempo, supunha-se que a cooperação econômica, política e cultural entre as nações, bem como a ajuda mútua, deveriam ser realizadas em bases iguais e voluntárias (*Dicionário enciclopédico filosófico*, 1983).

Esse conceito pode ser considerado, em geral, mais soviético do que propriamente russo, pois proclama a igualdade entre os povos e busca eliminar as diferenças nacionais. Entre suas possíveis origens está o cristianismo, que coloca todos no mesmo patamar perante Deus²⁴. Nessa perspectiva, o que importa não é a nacionalidade, mas a fé ou a adesão a uma determinada ideia. Ela é expressa, por exemplo, no sonho do homem do subsolo, de Dostoiévski (2000, p. 73), de “abraçar as pessoas e toda a humanidade”. No contexto soviético, a amizade dos povos representava a união das repúblicas e, em alguns casos, dos países com os quais a URSS mantinha relações mais estreitas. Em 1939, foi fundada a revista literária *Drujba naródov* [Amizade dos povos] cujo objetivo era popularizar as literaturas das repúblicas soviéticas traduzidas para a língua russa.

Nas representações soviéticas da amizade dos povos e, em especial, nos quadros, cartazes, cartões e selos postais, costuma aparecer um círculo, uma dança circular ou um

²³ Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “vsestorónnee brátskoe sotrudníchestvo i vzaimopomosch nátsii i naródnosti”.

²⁴ Na ampla bibliografia dedicada à relação entre o cristianismo e o marxismo, destaca-se a coletânea de transcrições das discussões públicas entre Anatoli Lunatchárski e o Metropolita Aleksandr Vvediénski, proeminente representante do movimento de renovação da Igreja Ortodoxa (Lunatchárski, 1926).

grupo de pessoas, de pé e de mãos dadas, com trajes nacionais representando diferentes etnias e nacionalidades. Às vezes, no centro está um homem ou uma mulher cuja aparência se assemelha à aparência russa estereotipada, com olhos azuis e cabelos loiros. É como se esse personagem mantivesse unidos os outros povos. É interessante que muitas vezes esse personagem pode não usar um traje folclórico, mas estar vestido de modo mais moderno: com um terno cinza, representando, portanto, não um homem russo, mas um homem soviético²⁵. Por exemplo, no quadro *Da zdrástvuiet neruchímaya drújba naródov SSSR!* [Viva a amizade inabalável dos povos da URSS!, 1962], de Valentin Bernádski, os representantes das repúblicas, vestidos com trajes típicos, caminham de mãos dadas pela Praça Vermelha segurando bandeiras vermelhas. A figura maior é a do homem de cabelo claro com roupas de trabalhador. Acima do grupo está o brasão da URSS. No cartaz “Soiuz neruchim!” [“A união é inabalável!”], de Murat Ichmamétov (1964), também aparece um grupo cujos trajes simbolizam as repúblicas soviéticas. No centro, está um homem de terno e gravata. No fundo, se vê o muro do Kremlin e em cima o brasão da URSS. Algumas obras de propaganda visavam o público infantil, como é o caso do cartão postal de Inga Chkúber (1965) que cita os versos do poeta soviético Serguei Mikhalkov: “As estrelas do Kremlin brilham acima de nós, sua luz chega a todos os lugares! As crianças têm uma boa Pátria, e não há Pátria melhor do que essa!”²⁶. No cartão, três crianças com trajes nacionais diferentes seguram flores e uma bandeirinha vermelha. A menina de cabelos claros à direita representa a Rússia e os povos eslavos. O traje do menino no centro pode aludir à região de Cáucaso, à Ucrânia e à Moldávia. A menina à esquerda representa as repúblicas asiáticas. No fundo, há um quadro com a imagem do Kremlin sobre o qual pairam aviões. Assim, todas as imagens citadas contam com a representação da diversidade nacional e cultural, mas também trazem os símbolos da união, como o Kremlin, a Praça Vermelha e o brasão da URSS. Essa visão é igualmente expressa no hino da União Soviética, tanto na versão de 1944 quanto na de 1977.

No início dos anos 1960, em paralelo com a fundação dos cursos de russo na UFRJ e USP (os mais antigos do Brasil), na URSS crescia o interesse pelas línguas e culturas

²⁵ https://www.plakat-ccc.ru/rus_version/plakat_1/plakatyi_s_gerbom_ssr.html#plakat_819.

²⁶ Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “Kremlióvskie zvióždy nad námi goriát, povsiúdu dokhódit ikh svet! Khoróchaia Ródina est u rebíat, i lúteche toi Ródiny nét!”.

estrangeiras. Essa coincidência não é ocasional. Na União Soviética, com o fim da 2ª Guerra Mundial e do governo Stalin, iniciou-se o período de Degelo. Nos últimos anos do governo Stalin ocorreu a assim chamada luta contra o cosmopolitismo durante a qual tudo o que fosse estrangeiro era visto como hostil, alheio (Witt, 2017, p. 48) e ameaçador à integridade do país. Em contrapartida, com o Degelo, vieram os avanços do programa espacial soviético e a orientação da política externa para o fortalecimento dos laços com os países da África, Ásia e América Latina. No cenário mundial, houve a invasão na Hungria, o início da Guerra Fria e o apoio, por parte da URSS, das revoluções e dos movimentos anticoloniais e pela independência nos países da África, Ásia e América Latina. A revolução cubana também foi apoiada pela URSS. A crise dos mísseis de Cuba, que eclodiu em seguida, em 1962, fortaleceu ainda mais os laços de amizade. Em 1964, foi lançado o filme soviético-cubano *Soy Cuba*, dirigido por Mikhail Kalatózov. O roteiro, escrito por Evguêni Evtuchenko e Enrique Pineda Barnet, conta a história da opressão da população cubana pelo regime pró-estadunidense.

Em 1957, em Moscou, foi organizado o Festival da Juventude e dos Estudantes de Moscou, que se tornou o símbolo da abertura relativa da URSS. Um dos emblemas da amizade entre os povos idealizada pelo Festival foi o globo terrestre representado como uma flor em que cada pétala simbolizava um dos continentes. Do Festival, que durou duas semanas e contou com mais de 800 apresentações, como concertos, exposições, mostras de teatro e de cinema, palestras e conversas, participaram 34 mil pessoas representando 131 países, inclusive a delegação do Brasil²⁷. Foi um evento de grande porte que influenciou sobretudo os jovens que tiveram oportunidade de conhecer pessoas do mundo inteiro. O impacto do Festival, transmitido pela televisão por todo o território do país (Pontieri, 2012), foi enorme tanto a curto, quanto a longo prazo. Os jovens soviéticos passaram a apreciar jazz, rock-n-roll, jeans e sapatos esportivos. E, o que é mais importante, o Festival estimulou o interesse dos soviéticos pelas línguas e culturas estrangeiras.

²⁷ <https://arquivosdemovimentoestudantil.wordpress.com/2014/02/02/notas-sobre-as-participacoes-brasileiras-nos-festivais-mundiais-da-juventude-e-dos-estudantes-pela-paz-e-amizade-1947-1962-realizados-pela-federacao-mundial-da-juventude-democratica-fmjd/>.

Hoje, a abordagem que articula disseminação do idioma e da cultura é comumente referida como *soft power*. De acordo com Joseph Nye, introdutor do conceito de *soft power*, há uma linha tênue entre informação e propaganda (Nye, 2004, p. 4). É difícil estabelecer uma distinção clara entre o simples aprendizado de um idioma, o interesse genuíno pela cultura de um povo e uma política linguística deliberada promovida pelo Estado. Desde o início da Guerra Fria, discute-se se o *soft power* constitui um canal controlado de divulgação de informações governamentais ou se atua como expressão autônoma da cultura nacional. Sua eficácia é difícil de prever, pois muitos de seus recursos cruciais escapam ao controle direto dos governos e seus efeitos dependem amplamente da aceitação por parte do público receptor. Além disso, por moldarem o ambiente favorável a determinada política, os mecanismos de *soft power* operam de forma indireta e, muitas vezes, seus impactos só se tornam perceptíveis anos depois.

Entre os trabalhos publicados em português que relacionam esse conceito ao ensino da língua russa destaca-se o artigo de Nina Kozlósteva e Natália Tolstova, “A formação da imagem do mundo russo como aspecto da adaptação cultural de cidadãos estrangeiros no processo de ensino de língua russa” (2019). As autoras apresentam o ensino de russo para estrangeiros como parte da política de *soft power* do governo russo, voltada à difusão de valores e de um sistema de pontos de vista (Kozlósteva; Tolstova, 2019).

Conclusões

As razões para a disseminação do idioma russo no território da Rússia moderna, assim como na antiga URSS, muitas vezes se relacionam mais aos interesses do Estado do que aos interesses dos povos e falantes de outros idiomas que compartilham o mesmo território. Por um lado, o domínio da língua e da cultura russas possibilitou a milhões de pessoas o acesso à educação, ao mercado de trabalho e à mobilidade dentro do país. Por outro, desencadeou inúmeras tragédias nacionais, familiares e pessoais. Essas tragédias estão refletidas nas literaturas dessas nações, que merecem ser conhecidas e lidas.

O estudo massivo da língua russa nos níveis escolar e universitário levou à consolidação de um ramo específico da pedagogia: o ensino do russo como língua estrangeira. O desenvolvimento ativo dessa área coincidiu com o período da Guerra Fria e foi fortemente influenciado por mudanças políticas e econômicas. O ensino e a aprendizagem do idioma russo podem ser motivados por diversas razões, e, em certas circunstâncias, a disseminação da língua e da cultura pode ser interpretada como uma manifestação de *soft power*. Embora o conceito de *soft power* tenha sido formulado inicialmente nos Estados Unidos e o fenômeno observado sobretudo na Europa, ele também pode ser atribuído à Rússia. Essa influência “suave” inclui, além da expansão linguística, a difusão da literatura, dos conceitos ideológicos e culturais, bem como das traduções. Um desses conceitos ideológicos foi o da amizade entre os povos, que a URSS procurou exportar para o bloco soviético com relativo sucesso.

Procuramos mostrar o quanto a inserção no contexto multicultural e multilíngue é essencial para evitar o fechamento e monologização das culturas e dos países. Foi nesse cenário que ocorreu a redescoberta da obra de Mikhail Bakhtin, com a publicação dos livros *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963) e *A obra de François Rabelais e a cultura popular da Idade Média e do Renascimento* (1965). Não por acaso, ambos os livros condenam o monologismo - seja linguístico ou cultural - e celebram a polifonia, o plurilinguismo e a carnavalização que desconstroem o dogmatismo e as hierarquias, evidenciando a alegre relatividade do poder oficial. Aliás, o próprio livro sobre Rabelais era multilíngue, algo que o destacava no contexto soviético. De acordo com a filósofa Natália Avtonóмова, Bakhtin se tornou “um símbolo do renascimento espiritual e, ao mesmo tempo, um artifício metodológico para sair da época do dogmatismo” (Avtonóмова, 2009, p. 186).²⁸

A trajetória das políticas linguísticas adotadas pela URSS e pela Rússia contemporânea no ensino da língua russa, das línguas estrangeiras e nas práticas de tradução revela a potência enriquecedora do multilinguismo. No entanto, Boris Schnaiderman, ao refletir sobre a diversidade cultural e linguística que marcou a história do Império Russo e da

²⁸ Tradução nossa. No original, em russo transliterado: “simvol dukhovnogo vozrojdenia i odnovremenno – metodologicheskoe orudie dlia vykhoda iz epokhi dogmatizma”.

União Soviética, em *Os escombros e o mito: a cultura e o fim da União Soviética* (1997), expressa sua preocupação com o futuro do país:

Haverá para os russos alguma possibilidade de se aferrarem aos preconceitos raciais e étnicos, se o seu poeta nacional, Púchkin, era de origem abissínia pelo lado materno, e um dos seus gênios da literatura, Nikolai Gógol, era ucraniano? Ou o predomínio da ignorância, da brutalidade cega, será mais forte? Apesar de tudo o que tem acontecido nos últimos tempos, esperemos que a resposta a essa pergunta seja negativa (Schnaiderman, 1997, p. 267).

Passadas algumas décadas, as perguntas — e as esperanças — permanecem as mesmas.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. *I prichló razruchénie* [Things Fall Apart]. Tradução de N. Dynnik-Budavei e E. Rauzina. Prefácio de Vladímir Vavílov. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1964.
- AMÉRICO, Edelcio. Um Brasil de terras russas. *Russia Beyond*, 17 de julho de 2020. Disponível em: <https://br.rbth.com/estilo-de-vida/84123-um-brasil-de-terras-russ>. Acesso em: 07 mar. 2025.
- AVTONÓMOVA, Natália. *Otkrytaia struktura: Jakobson–Bakhtin–Lotman–Gasparov* [Estrutura aberta: Jakobson-Bakhtin-Lotman-Gaspárov]. Moscou: ROSSPEN, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: UDINEB, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas de poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BALEZIN, A.; MAZOV, S.; FILATOVA, I. (org.) *Tchórnaia África: próchloe i nastoiáschee. Utchébnoe posóbie po nóvoi i novêichei istórii tropítcheskoi i iújnoi Áfriki* [África negra: o passado e o presente. Manual da história moderna e contemporânea da África tropical e África do Sul]. Moscou: Rússki fond sodeistvia obrazovániu i naúke, 2016.
- BARRETO, Lima. *Zapíski arkhiváriusa* [Recordações do Escrivão Isaías Caminha]. Tradução de Natália Trauberg. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1965.
- BELIAKOVA, Elena. *Rússki Amado, ili rússko-brazílskie literatúrnie sviázi* [O Amado russo, ou as relações literárias russo-brasileiras]. Moscou: MDK-Arbat, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2S1htg1>. Acesso em: 25 jun. 2025.

BERNÁDSKI, Valentin. *Da zdrástvuet neruchímaia drújba naródov SSSR!* [Viva a amizade inabalável dos povos da URSS!]. 1962. Óleo sobre tela, 178 x 278. Gallereia Ókna sotsrealizma (Galeria As janelas do realismo socialista). Disponível em: <https://oknasocrealisma.com/paintings/da-zdravstvuet-nerushimaya-druzhba-narodov-sssr/>. Acesso em: 07 mar. 2025.

BOLCHAKÓVA, Ksênia. *Buluus da irer* [E o gelo derrete]. Krasnoiarsk: Ofset, 2024.

BRAIT, Beth. Problemas da poética de Dostoiévski: a recepção brasileira. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, v. 16, n. 2, pp. 70-89, 2021.

CARDOSO, Marcos Viola. *Literatura brasileira na União Soviética: políticas editoriais e traduções*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

CHKÚBER, Inga. *Kremliôvskiie zviôzdy nad námi goriát, povsiúdu dokhódit ikh svet! Khoróchaia Ródina est u rebriát, i lútchche toi Ródiny net!* [As estrelas do Kremlin brilham acima de nós, sua luz chega a todos os lugares! As crianças têm uma boa pátria, e não há pátria melhor do que essa!]. Moscou: Soviétski khudójnik, 1965.

DARMAROS, Marina. Jorge Amado i SSSR. Zamiétki k teme [Jorge Amado na URSS. Observações sobre o tema]. *Literatura dvukh Amerik* [As literaturas das duas Américas], n. 5, pp. 230-280, 2018.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO FILOSÓFICO [Filossófski entsiklopedícheski slovar]. L. F. Ilitchev, P. N. Fedossiév, S. M. Kovalión, V. G. Panov. M. (orgs.). Moscou: Soviétkaia entsiklopiédia, 1983. Disponível em: <http://dic.academic.ru/dic.nsf/ruwiki/92002>. Acesso em: 07 mar. 2025.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. Tradução e prefácio de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

GAKH, Anatóli; GÓLUBEVA, Elena (org.). *Pod nébom iújnogo krestá: Brazilskaia novela XIX–XX vekóv* [Sob o céu do Cruzeiro do sul: a novela brasileira dos séculos XIX–XX]. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1968.

GLUSHKOVA, Maria; DOMINGUES, Taciane. Wilhelm von Humboldt: paralelos com o círculo de Bakhtin e contribuição para a questão da diversidade linguística. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 66, 2022. DOI: 10.1590/1981-5794-e14950. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/14950>. Acesso em: 13 mar. 2025.

GUIMARÃES ROSA, João. *Rasskazy* [Contos]. Tradução de E. Gólubeva, I. Tchejegova, L. Arkhípova e A. Koss. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1980.

GUZÁIROV, Timur. Konstrúirovanie natsionálnoi chkólnoi istórii (na primére natchálnykh sobýti Sévernoi voíný v estónskikh utchébnikakh istórii 1920–1930-kh gg.) [Construção da história escolar nacional (a exemplo dos eventos iniciais da Guerra do Norte nos livros didáticos de história da Estônia das décadas de 1920-1930)]. In: *Acta Slavica Estonica. Translation Strategies and State Control*. Tartu: University of Tartu Press, 2017. pp. 286-298.

ICHMAMÉTOV, Murat. *Soiuz neruchim!* [A união é inabalável!]. 1880 x 680 mm. Moscou: Editora Soviétski khudójnik, 1964. Disponível em: https://www.plakat-cccp.ru/rus_version/plakat_1/plakaty_i_ssr_xudojnika_murata.html. Acesso em: 07 mar. 2025.

IKPENG, Oreme. Aqueles que andam juntos. In: *Terra: Antologia afro-indigena*. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. pp. 278-288.

KAMÓVNIKOVA, Natalia. The Consciousness of Necessity: Translation of National Literatures in the Soviet Union. In: *Acta Slavica Estonica. Translation Strategies and State Control*. Tartu: University of Tartu Press, 2017, pp. 52-68.

KHARON, Iákov; VEINERT, Iúri. *Zlyie pesni Guillaume du Vintrais* [Canções maldosas de Guillaume du Vintrais]. Moscou: Kniga, 1989.

KISSELIOVA, Liubov. “Okno v Evrópu” v perevóde na iazyk gimnazícheskikh utchébnikov istórii [“A janela para Europa” em traduções para a linguagem dos manuais escolares]. In: *Acta Slavica Estonica. Translation Strategies and State Control*. Tartu: University of Tartu Press, 2017, pp. 267-285.

KONIÁEVA, Elena. Soderjániie i variatívnost’ ideologícheskogo kontsépta “Drújba národov” [Conteúdo e variabilidade do conceito ideológico “Amizade dos Povos”]. *Polítícheskaia lingvístika* [Linguística política], v. 2, n. 52, 2015. pp. 190-198.

KOSTOMÁROV, Vitali (org.). *El ruso para todos*. Textos linguo-culturales. Moscou: Rússki iazyk, 1983.

KOZLOVTSEVA, Nina; TOLSTOVA, Natália. A formação da imagem do mundo russo como aspecto da adaptação cultural de cidadãos estrangeiros no processo de ensino de língua russa. Tradução de Sheila Grillo. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, v. 14, n. 1, pp. 74-105, 2019.

KRASSÍLNIKOVA, Anastassia. Latinoamerikánskaia literatúra v rossiiskom knigoizdánii [A literatura latinoamericana no mercado editorial russo]. *Gumanitárny vektor* [Vetor das ciências humanas], v. 4, n. 32, pp. 115-119, 2012. Disponível em: <https://cyberleninka.ru/article/n/latinoamerikanskaya-literatura-v-rossiyskom-knigoizdanii/view>. Acesso em: 07 mar. 2025.

KRASSÍLNIKOVA, Lídia. Istória káfedry RKI filologícheskogo fakulteta [História do Departamento de Russo como língua estrangeira da Faculdade de Filologia]. *Véstnik Moskovskogo universitéta. Sériia 9. Filológia* [Boletim da Universidade de Moscou. Série 9. Filologia], n. 6, pp. 190-209, 2024.

LANGE, Anne. Editing in the Conditions of State Control in Estonia: The Case of Loomingu Raamatukogu in 1957–1972. In: *Acta Slavica Estonica. Translation Strategies and State Control*. Tartu: University of Tartu Press, 2017. pp. 155-173.

LINS DO REGO, José. *Kangaseiro* [Cangaceiros]. Tradução de N. Tultchánskaia. Moscou: Izdatelstvo Inostránoi Literaturi, 1960.

- LINS DO REGO, José. *Negr Ricardo* [O moleque Ricardo]. Tradução de N. Tultchánskaia. Moscou: Jurnálno-gazétnoie obiédiniénie, 1937.
- LINS DO REGO, José. *Ugaschi ogon* [Fogo morto]. Tradução de Iúri Kalúguin. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1967.
- LISPECTOR, Clarice. *Tchas zvezdy* [A hora da estrela]. Tradução de Elena Beliakóva. Moscou: Agraf, 2000a.
- LISPECTOR, Clarice. *Osajdiónni górod* [A cidade sitiada]. Tradução de Inna Tyniánova. Moscou: Novi vek, 2000b.
- LISPECTOR, Clarice. *Voda jiváia* [Água viva]. Tradução de Ekaterina Khovanóvitch. Moscou: No Kidding Press, 2022.
- LUNATCHÁRSKI, Anatoli. *Khristiánstvo ili kommunízm*. Díspút s mitropolítom A. Vvedénskim [Cristianismo ou comunismo. Discussão com o Metropolita A. Vvediénski]. Leningrado: Gosudárstvennoie izdátelstvo, 1926. pp. 5-21.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Don Kasmurro* [Dom Casmurro]. Tradução de T. Ivanova. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1961.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Ízbrannie proizvediéniia* [Obras escolhidas]. Tradução de A. Bogdanovski, N. Malýkhina, V. Fiódorov, I. Tyniánova, T. Koróbkina, E. Beliakova. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1989.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Zapísiki s togó sveta* [Memórias póstumas de Brás Cubas]. Tradução de I. Thcéjegova e E. Gólubeva. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1968.
- NYE, Joseph S. Jr. *Soft power: The Means to Success in World Politics*. Chapter 4. *Wielding Soft Power*, 2004.
- PAIM, Alina. *Tchas blízok* [A hora próxima]. Tradução de G. Kalúguin. Moscou: Izdátelstvo Inostránnoi Literaturi, 1957.
- PILD, Lea. K istorii odnogo anonimnogo perevóda: román A. N. Tolstogó “Piotr Pérvyi” v “Khrestomátii” dlia estónskikh chkólnikov XI klássa [Sobre a história de uma tradução anônima: o romance Pedro, o Grande, de A. N. Tolstoi, na Antologia para alunos estonianos do 11º ano]. In: *Acta Slavica Estonica. Translation Strategies and State Control*. Tartu: University of Tartu Press, 2017. pp. 299-310.
- PONTIERI, Laura. *Soviet Animation and the Thaw of 1960s: Not Only for the Children*. UK: John Libbey & Company, 2012.
- PRUMKWYJ KRAHÔ, Creuza. Mulheres-cabaças. In: *Terra: Antologia afro-indigena*. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023, pp. 127-140.
- QUERIDAS AMIGAS [Édes Emma, drága Böbe]. Direção de István Szabó. Hungria: Objektív Filmstúdió Vállalat, Videovox Stúdió, Mafilm Audio Kft., Manfred Durniok Produktion, 1991. 81 minutos, colorido.

- RAMOS, Graciliano. *Issúchennye jizni* [Vidas secas]. Tradução de S. Brandão, Z. Tchernova. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1961.
- RAMOS, Graciliano. *Issúchennye jizni* [Vidas secas]. Tradução de S. Brandão, Z. Tchernova. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1969.
- RAMOS, Graciliano. *San Bernardo* [São Bernardo]. Tradução de L. Brevern, I. Tchejégova, V. Fiódorov. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1977.
- SAMOIÉDSKI MÁLTCHIK [O menino samoiedo]. Direção de Olga Khodatáieva, Nikolai Khodatáiev, Valentina e Zinaida Brumberg. URSS: Sovkino, 1928, 7 minutos, preto e branco.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Os escombros e o mito. A cultura e o fim da União Soviética*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- SMIRNOVA HENRIQUES, Anna; RUSEISHVILI, Svetlana. Migrantes russófonos no Brasil no século XXI: perfis demográficos, caminhos de inserção e projetos migratórios. *Ponto-E-Vírgula*, n. 25, pp. 83-96, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2019i25p83-96>. Acesso em: 07 mar. 2025.
- SOY CUBA. Direção de Mikhail Kalatózov. USSR; Cuba: Mosfilm; Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), 1964. 143 minutos, preto e branco.
- STEPANÍSCHEVA, Tatiana. “Lirícheskii fragmént” F. I. Tiútcheva na estónskom iazyke: O stratégii perevódtchika. [“Fragmento lírico” de F. I. Tiútchev em estoniano: Sobre a estratégia do tradutor]. In: *Acta Slavica Estonica. Translation Strategies and State Control*. Tartu: University of Tartu Press, 2017, pp. 199-220.
- TERTERIAN, Inna. *Brazilskii román XX véka* [O romance brasileiro do século XX]. Moscou: Naúka, 1965.
- TUPINAMBÁ, Glicéria. O território sonha. In: *Terra: Antologia afro-indígena*. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. pp. 180-191.
- VASSÍLIEVA-CHVEDE, Olga, GAKH, Anatóli (org.). *Antológiiia portugálskoi i brazilskoi literatúry* [Antologia da literatura portuguesa e brasileira]. Leningrado: LGU, 1964.
- VERÍSSIMO, Érico. *Gospodin posol* [O senhor embaixador]. Tradução de Iúri Kalúguin. Moscou: Progress, 1969.
- VESSELKO, Anna. Rússkaia literatúra v estónskoi shkóle sovétskogo períoda: granítsy ideológii [Literatura Russa na escola estoniana do período soviético: os limites da ideologia]. In: *Acta Slavica Estonica. Translation Strategies and State Control*. Tartu: University of Tartu Press, 2017. pp. 311-323.
- WITT, Susanna. “Soviétskaia shkóla perevóda” — K probléme istórii kontsépta [“A escola soviética de tradução” — sobre o problema da história do conceito]. In: *Acta Slavica Estonica. Translation Strategies and State Control*. Tartu: University of Tartu Press, 2017. pp. 36-51.

Recebido em 18/03/2025

Aprovado em 18/08/2025

Declaração da contribuição de autores

Declaramos que ambas as autoras do artigo “Multilinguismo, políticas linguísticas e ensino de língua russa na URSS e na Rússia” contribuíram integralmente para todas as etapas do trabalho, a saber: 1) concepção do estudo, análise e interpretação das obras; 2) escrita do artigo e revisão crítica da bibliografia utilizada; 3) aprovação final das versões em português e inglês a serem publicadas; e 4) responsabilidade por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

Trata-se de artigo informativo e de relevância para estudiosos de língua e cultura russa no Brasil, com interessante abordagem histórica das políticas linguísticas da URSS e da Rússia. O artigo adequa-se ao título e é desenvolvido de forma coerente, além de apresentar perspectiva original, já que o tema é muito pouco abordado entre estudiosos de russo no Brasil. APROVADO COM SUGESTÕES [Revisado]

Mário Ramos Francisco Júnior – Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3277-9341>; mariofrancisco@usp.br

Parecer emitido em 03 de julho de 2025.

Editores responsáveis

Pietro Restaneo

Laura Gherlone

Beth Brait

Bakhtiniana, São Paulo, 21 (1): e70775p, jan./mar. 2026

Todo conteúdo de *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* está sob Licença Creative Commons CC - By 4.0